

Dizem que Cristo foi perseguido pelos seus verdugos; os operários de ideias avançadas são perseguidos pelos tiranos.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 949

Domingo, 25 de Dezembro de 1921

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Cembro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Taltaba-Lisboa * Telefone 5339-c

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

O NATAL DO POBRE

Como os que nada tem podem festejar o nascimento de Jesus — O vagabundo abandonado

Frio, frio, muito frio... Cai a geada sobre os campos tristes; cai a geada impiedosa queimando a seara que desponta.

Os dias de dezembro agreste, de horizontes plombeos, pesados têm sido um tormento para os párias, para os que, sem eira nem beira percorrem as estradas infinitas da província, mendigando o pão, esmolando o trabalho, recebendo a resposta dura do proprietário, ouvindo o «vá com Deus» impertinente dos que occultam nesta frase piedosa a sua rispidez de coração.

Noite de Natal fria, plena de humidade cortante, o pária vagueia pela aldeia. Só, abandonado na escuridão profunda do campo, escuta a alegria inebriante que vai pelos lares dos mais felizes, ouve as risadas inocentes das crianças.

Pende-lhe a cabeça encanecida pelas agruras da amargurada vida, fita a terra fecunda que lhe nega o pão e lembra-se que tempo houve em que tivera lar também. Fazia anos, anos distantes, a perder-se na obscuridade longínqua do passado, que àquela hora se refugia à larga mesa a família a tagarelar, a gracejar, saboreando o doce das filhas. Fazia anos que seus filhos, de semblantes prateados se sentiam felizes no lar aconchegado, como aquelas crianças cujas risadas descuidadas lhe chegavam aos ouvidos, arrancando-lhe dos olhos cansados de fitar os horizontes largos, grossas lágrimas silenciosas.

E o pária só tarde, muito tarde obteve o favor dum palheiro, onde descansar os membros fatigados, onde aquecer o corpo esquelético regelado pela geada fria.

Manhã alta, dia de Natal, o pária pôz-se a pé. O dia era de festa. Andavam as raparigas a cantar e a bailar e os velhos, sorridentes, a segui-las com o olhar eternecido.

O pária sentiu-se mais só entre o ruído estrepitoso dos bailados. Ergueu a cabeça e fitou além a serra coberta de neve... Meteu à estrada e abandonou a aldeia, sem que ninguém o visse. sem que ninguém o notasse.

O pária odiava esse Cristo protector, cujo nascimento se festejava, odiava esse Cristo protector que o esquecera, a ele, pária que também tinha direito à alegria e ao bem-estar...

Uma vítima da sociedade festeja o Natal, trabalhando

Dia e noite sem descanso, junto à máquina de costura a trabalhar, a pobre viuva não ganha com que comprar o pão que baste aos três petizes que o marido lhe deixara por herança única. Há meia noite, quando a vizinhança rica ou remediada festeja o nascimento desse que aos deserdados só deu o prémio da palavra divina e consoladora, ainda a máquina trabalha persistentemente, no seu ruído ininterrupto e infernal... Jesus-menino anda agora de telhado em telhado a espreitar pelas chaminés os sapatinhos das crianças inocentes. Em cada um depõe uma prenda linda. Aqui deixa um cavalinho elegante que salta e corre movido por engenho oculto; ali, naquela botinha de verniz coloca um grande navio, uma caravela antiga que lembra aquelas doutros tempos que Portugal enviava às Índias para trazer aos reis a gloriosa rapina dos nossos ilustres antepassados; acolá põe cuidadosamente, levemente — não vá acordar o bebé que faz ó no seu leito de rendas — um enorme boneco, um palhaço cómico, que mexe os membros e agita a cabeça empoadada... A máquina de costura não se detém. A viuva pobre, aproveita o sono calmo dos filhos ingenuos que sonham agora com brinquedos mágicos, para adiantar a obra que a loja requer. O menino Jesus que anda sobre o telhado velho, ouve o ruído infernal, tem medo. Entretanto, curioso, como todos os meninos, aboira-se da chaminé e espreita, espreita sempre medroso. Lá em baixo, os sapatos velhos, os velhos sapatos de trança dos pequenitos esperam plácidos a mercê gentil da divina criança. Jesus fita melhor, fita desconfiado. Uma lufada cortante do vento frio traz-lhe aos ouvidos o ruído apressado da máquina de costura. Assusta-se, foge scélere, desliza telhados fora, horrorizado e murmura afim, lá longe, livre do perigo e do ruído:

— Era o inferno!

E os sapatos, os velhos sapatos de trança, esfacelados e tristes lá ficaram até de manhãzinha esperando os brinquedos mágicos que os bebés sonhavam.

CONTO DE NATAL

A moral burguesa

Um homem que tinha dinheiro, muito dinheiro, na ansia de o duplicar, aproximou-se da batota e perdeu-o. Soubesse a sua ruína e como toda a gente continuava sussurrando que ele era rico, muito rico, manteve-se num lugar de confiança, tendo no seu bolso as chaves dos cofres onde estava dinheiro, muito dinheiro, de homens ricos, muito ricos. Para recuperar a sua fortuna levou nos bolsos para a batota, as fortunas que lhe estavam confiadas e perdeu-as.

Prenderam-no e mandaram-no para a África, degradado. Ele esperava por não poder voltar a ser rico — suicidou-se.

Acaba aqui a sua história, para começar a de sua mulher e de suas três filhas.

O homem que morreu por não poder voltar a ser rico, tinha educado suas filhas, no amor à riqueza, no ódio à miséria e ao horror ao trabalho.

As três meninas que não estavam perto da beleza embora estivessem distantes da fealdade, resolveram não fazer a vida dos pobres, ainda que não pudessem viver no conforto que só a fortuna perdalgizava.

Dias passaram sem comer, mas o plano esfalfava-se, num estardalhaço tuidoso. O uso imoderado do piano de-

saíno-o. Àquela alegria simulada por três desesperos quasi epilepticos, reduzia as peças musicais a um chocalhar de notas, bárbaro, arrepiante, lúgubre. O vestuário, os móveis, as joias voavam. Só a casa ficou, grande e nua. As três raparigas permaneceram obstinadas em não fazer vida de pobre. A mãe chorava, mas nada dizia. Os vizinhos que lamentavam a sua miséria, ofereceram empregos vantajosos para as filhas. Elas recusaram, replicando irritadas que não queriam trabalhar, porque isso seria obrigá-las a fazer a vida dos pobres. As vizinhas foram ter com a mãe e aconselharam-na a forçar as filhas ao trabalho. A mãe chorou, e foi-se desgostosa por ouvir dizer mal das filhas. Chegou a casa, pôs uns olhos azues e saiu sem nada dizer. Recolheu de madrugada, com dinheiro. Contou às filhas que andara pela Baixa, esmolando. As filhas beijaram a mãe, cumularam-na de carícias e aconselharam-na a continuar pedindo esmola. Porém, nem semore a mãe trazia o dinheiro que as filhas lhe pediam. Um dia, em que o dinheiro que a mãe trouxera, não chegaria para o almoço do dia seguinte, espantaram-na, desesperadas. Uma das filhas comoveu-se e resolveu abdicar, aceitando um emprego

Página estolhida

A ceia do Natal

Uma voz dizia: — para a mesa! para a mesa!

Havia o arrastar das cadeiras, o tinar dos copos e dos talheres, o desdobrar dos guardanapos, o fumegar da terrina. Tomava-se o caldo, bebia-se o primeiro copo de vinho; estava-se ombro com ombro; os pés dos de um lado tocavam nos pés dos que estavam de frente. Bom aconchego! Belo agasalho! As fisionomias tomavam uma expressão de contentamento, de plenitude. Que diabo! Exigir mais, seria pedir muito. Tudo o que há mais profundo no coração do homem, o amor, a religião, a família, estava ali tudo reunido numa doce paz, não opulenta, mas risonhamente remediada e satisfeita. Não é tudo?

Não é. O primeiro dos convivas que tinha o sentimento dessa imperfeição na felicidade, era a velhinha sentada ao centro da mesa. Ela, que para nós representava apenas a avó, tinha sido também a filha, tinha sido a irmã, tinha sido a esposa, tinha sido a mãe... No seu pobre coração quantos lutos sobrepostos, quantas saudades acumuladas! Por isso enquanto os outros riam e conversavam alegremente, a mão dela imgreçida e rugada tremia de comoção ao tomar o copo; e dos seus olhos cansados despegavam-se silenciosamente duas lágrimas que ela imbebia no guardanapo enquanto a sua boca, procurava sorrir e titubear palavras de resignação, de conforto, de felicidade.

Essas duas lágrimas eram como a evocação do espírito dos ausentes e do espírito dos mortos para aquele banquete. A festa era então interrompida por silêncios graves, pensativos, durante os quais cada um se recolhia em si mesmo e olhava um pouco ao passado e um pouco ao futuro.

Dos que se haviam sentado àquela mesa, em idêntica noite, quantos tinham partido para não voltarem mais! Quantas lacunas dentro dos últimos anos! Dentro de alguns anos mais, quantas outras!

Se havia, como quasi sempre sucede, um filho, um neto, um irmão ausente, era em volta da recordação dele que se grupavam e fixavam esses vagos cuidados dispersos. A máquina do passado, a incerteza do futuro, a saudade finalmente, acabava por aparecer a cada um sob a figura aventureira do viajante intrépido ou do trabalhador vigoroso, que celebrava aquela noite num paiz longínquo ou no alto mar.

E esse amado ausente era o conviva que cada um sentia mais perto, a essa mesa, junto do seu coração!

Ramalhito ORTIGÃO

para ajudar as irmãs. Est.s irritadas, expulsaram-na.

Faz hoje um ano, que a mãe faleceu. É possível que o procedimento das três raparigas revolte muitos dos nossos admiráveis burgueses de hoje.

Ma a vida deles, não se assemelha à das três raparigas?

Substitua a mãe pelo esforço dos produtores e ficará certo. Não é o seu bem-estar feito à custa do trabalho e da miséria dos proletários?

Crístiano LIMA

Chuchinhas

Aquela ternura do século pelas crianças pobres, não afinal pelas crianças pobres é pelas famílias ricas. Estas bem o sabem e tanto assim que, enviando quatro bonecos desengonçados para a redacção do citado, outra mira não têm, na sua maioria, senão ver o anúncio da sua casa comercial na primeira página do terno jornal. Os negociantes de brinquedos estão radiantes. Um Galapito, porém, que negocia em produtos quínicos todo se torn de inveja por ver que não tinha brinquedos no armazém. Não tinha brinquedos? Deixá-lo. Pegou em três dúzias de chuchinhas e enviou-as para o século.

Rebeldias

Eu conheci uma velha, muito velha como aquelas avós de cabelos de linho que aparecem nos disparatados contos que as crianças ouvem com prazer. Era muito minha amiga, coitada. O seu coração repartia-se em duas partes: o seu pequeno, que era eu e o jogo da lotaria. Creio que o jogo a fazia, por vezes, esquecer o seu pequeno. Levava semanas seguidas a pensar nas probabilidades de lhe sair a sorte grande. Não julgou os leitores que apenas na velhice o jogo a preocupou. Contava-me ela que em nova gavasta bom dinheiro na lotaria sem que proveito algum tirasse, porque a sorte não queria travar relações com ela. Como a velhinha se lamentava da pouca sorte que tinha! E, bondosa, sa-criticava a vida inteira, bem melhor sorte merecia.

RECORDA-SE O NATAL DE 1915 O NATAL DO RICO

Excerto de «O grande e horrível crime», que estava para ser publicado em plena guerra

Nas proximidades do Natal de 1915 o pápa Benedito, que era então o chefe supremo da igreja católica, empregou todos os seus esforços no sentido de se fazer um armistício geral em 25 de Dezembro do mesmo ano para comemorar a data do nascimento de Cristo.

Prevaleceram, porém, as razões do Estado aos interesses morais do cristianismo e S. Santidade não ponde lograr o seu intento, não fosse o caso de que os beligerantes duma banda e outra, concluído esse curto armistício, entendessem dever prolonga-lo, sem dilatar a guerra por mais tempo, como, infelizmente se dilatou.

Registando o facto e indignado com isto, publiquei um poemeto intitulado *O grande e horrível crime* com o sub-título de *Radiograma ao orbe* que o respectivo livreiro editor nunca pôz à venda por motivos que desconheço.

São do referido poemeto as quadras que *A Batalha* publica hoje, em seguida e que se me afiguram oportunas:

A' hora das tristezas, à hora vespertina,
A meditar no caso, eu fui à beira-mar
Passer os olhos meus na líquida campina
E lá, perfeitamente, ouvi assim falar:

«Rochedo que ahi estás erguido, há tantos anos,
Soberbo, ouzado e forte, impavido, silente:
Acaso pensas tu, à guisa dos tiranos,
Que o Tempo há de vencer, audaz, eternamente?»

Pois tu não vês a onda, em baixo, nas marés,
Cavando, noite e dia, imperceptivelmente;
Rendo, sem cessar, o dorso dos teus pés,
No teu eterno moto, invariavelmente?»

Não escutas, insensato, a voz cava do Mar,
Rugindo a imensa dor das raivas comprimidas?
Tu julgas ser eterno e sempre ahi ficar,
A rir, no teu desdém, das suas investidas?!

Tú és, erguido ahi, à beira do Oceano,
No simbolismo teu, o velho Preconceito,
A ferrea Convenção, oposta ao bem humano,
Mas cedo ou tarde, crê, há de cair desfeito!

A onda que, a teus pés, eterna, se revolve,
Que em espuma se desfaz de encontro à tua base,
Tem mais força e poder que o ouro, que se dissolve
E o fogo dum vulcão na mais activa fase.»

E as vagas, a rugir, em seu vai-vem lançadas
De encontro ao Colosso, simbólico penedo,
Fazia-me lembrar estridentes gargalhadas
Do velho Promethen, chumbado ao seu rochedo.

Celou-se, enfim, a voz. Imóvel, o gigante,
O multi-secular padrão da Resistência,
Tomado de estupor, inerte e arrogante,
Quedou-se, na mudez das cousas sem consciência.

Quem fôra ali dizer, na estranha conjuntura?
Seria a minha voz, falando dentro em mim?
Seria a voz do Mar, de tórva catadura?
Não vou dizer que não, nem vou jurar que sim.

Mas fôsse a minha voz ou fala de sereia,
Ou fôsse a voz do Mar, carpindo a dor ingente,
A voz dalgum tritão ou corno ou grão de areia,
Ou fôsse a voz do Sonho, ouvi, distintamente.

Passaram já dois mil, de menos alguns anos
Sobre a Manhã, de luz em que, na Palestina,
Num estabulo, nasceu o Rei dos soberanos,
O Redemptor da grei ímpia e assassina.

Chegámos ao Natal. A' missa do meio-dia,
Os sinos, em acção tangidos, replicados,
Lançam no ar o som da bronzina plamodia
Que é, no estertor da crença, num dobre de finados.

Na frente da batalha, ao longo das trincheiras
Lá estão as legiões lutando, frente a frente,
A' voz do sup'rior, à sombra das bandeiras,
Irmãos assassinando irmãos fraternalmente.

Nas mãos sacerdotais eleva-se, nos templos
A hostia, consagrada à face dos Altíssimos,
«Glória ao bom-Deus, no céu, ao Filho, aos seus exemplos!»
«Amém!» trôa o canhão, na terra e sobre os mares.

«Amém!», dizem as mães, chorando, alucinadas.
«Amém!», diz a orfandade e geme a viuvez.
«Amém!», diz Satanaz, nas fúrnas sulfúreas
E o Kaiser também diz «amém!», por sua vez.

«Amém!», dizem os reis, o côrvo, os generais,
O ilustre Polcaré e as águas carniceiras.
«Amém!», repete a Morte e dizem os chacais,
«Amém!», grita a metralha, ao longo das trincheiras.

São trez horas da tarde. Acabo, no momento,
Este libelo, em forma. Injusto, eu sei, não é.
Vai nele a punição, no acido fermento
De todo o meu despreso aos vendilhões da fé.

Vai, néle, a indignação; por vezes a ironia
Traduz o meu sentir.

Direis reviravolte;
Alguem lhe chamará tremenda apostasia;
O julgamento é livre.

Eu, chamo-lhe Revolta.

Lisboa, 25 de Dezembro 1915-1921.

José BENEDY

Era religiosa, crente fervorosa em Deus e no Jesus menino que nasce todos os anos no dia 25 de Dezembro. Ante o seu oratório rogava a Deus e a todos os santos que lhe enviasse a sorte grande. Mas Deus não a ouvia e os santos dormiam na corte celestial... A velhinha de que lhes falei, morreu, ante-ontem de comoção. Empregara todo o seu dinheiro em cautelas, esperando que a roda do Natal lhe trouxesse a sorte que o menino Deus lhe negara durante a vida inteira. A roda andou e a sorte desandou para outras mãos que não eram as da velhinha. A notícia feriu-a fundo no

seu coração senil. Sentiu-se descrente, a velha, porque não compreendia que Deus a abandonasse à beira da miséria. Um dia de descrença bastou para destruir uma vida de oitenta anos. Mas tal não sucederia se de descrença fossem os seus oitenta anos. Talvez que a esta hora a velhinha tivesse ainda na sua mão económica todo o dinheiro que na lotaria gastou. E o seu Natal teria sido feliz, pleno de boas — que a velhinha, como quasi todas as velhas, gostava mais de boas que as crianças.

Mário DOMINGUES

Alguns episódios tristes que à primeira leitura parecem cómicos

O capricho do bebé

Que importa o frio que lá fora faz? A neve regela, regela apenas os párias, os deserdados que perdidos andam por esses caminhos. Aqui dentro a temperatura é boa; o fogão ali ao canto da sala torna o lar bem quente e confortável. O grande industrial está hoje com a família, em ameno convívio. Fez uma fábrica; os operários não produzem hoje mas também não ganham — que se divirtam com a mulher e os filhos.

Ao centro da grande sala há uma árvore de Natal — o orgulho do pai rico e o enlevo dos pequenos. Tambores minúsculos, bonecos de corda, comboios pequeninos, bolas coloridas, pendem da verdura.

Outros brinquedos andam já nas mãos da petizada, que ri, salta e canta de contente. O industrial ventruído cofia a barba grave, vaidoso de si e dos seus, não se lembrando talvez que aquela bola colorida custou o jantar do filho do operário, que esta caixa de música poderia pagar a ceia ao seu vizinho trabalhador. O industrial é feliz e não sente remorsos de possuir uma felicidade edificada sobre as magoas de milhares de seres. O industrial está alegre e crê firmemente que não existem neste momento milhares de seres sem pão.

Além, sobre a mesa posta para o grande jantar de festa, as louças caras brilham à luz intensa da electricidade. Na frásqueira as garrafas de licor ainda virgens aguardam serenadas, a hora das alegrias inebriantes em que dedos nervosos as abrirem. O industrial obeso, apesar dos abafos e do calor ameno do fogão eléctrico, sente frio. Abre uma garrafa e bebe um ou dois goles deliciosos...

Os meninos brincam, partem, troçam os bonecos, como quem destrói cousas insignificantes, como se cada brinquedo não custasse o que bastaria para satisfazer de pronto o faminto mais faminto. E o industrial rico, que castigou um operário que num gesto involuntário lhe estragou um objecto de diminuto valor, ri, ri, a bom rir, da destruição feroz a que os meninos procedem.

De súbito um dos pequenos, fita encantado a bola colorida, a bola cara, que baloça num ramo alto da árvore de Natal.

— Papá — diz — dá-me aquela bola?

— Para que queres tu a bola? — interroga sorrindo o gordo capitalista.

— Para escangalhar — responde o bebé, pulando de contente. E o papá, gargalhando com vontade, dá, para escangalhar, a bola cara ao menino...

Lloyd George festeja o Natal devorando o seu «pudding»

Em Inglaterra, como em quasi todos os países — lá, porém, mais que em qualquer outra parte — o Natal festeja-se a rigor. O inglês, apesar daquela aparência dura e grave, ama a pândega, os doces e o belo vinho que estonteia e torna a vida doirada. Em Portugal comem-se borboas para festejar o Natal, em Inglaterra devora-se o *plum-pudding* a largas doses. Há *puddings* amplos como rodas de carroça. Pois, o inglês — o que pode, o que tem dinheiro, é claro — bate-se com *puddings* monstruosos, regados do Porto velho, até à indigestão, até à bebedeira.

Lá, como cá, os ministros são homens de alimento. Comem por sete. Lloyd George, por exemplo, só a sua parte é bem capaz de comer os ingleses — senão os aliados todos...

Lloyd George gosta inevitavelmente de *plum-pudding*, porque não há inglês que não seja capaz de dar um ano de vida por um pedaço deste mimo de confeitaria.

O primeiro ministro inglês senta-se hoje à sua mesa, plena de convidados ilustres, descansa das suas cabriolas hábeis que a política internacional o obriga a dar, deita para traz das costas o remorso das vítimas irlandesas que a sua intransigência provocou; empenha o talher e diz, num ar de fatalidade que lhe fica muito bem:

— Vamos a isto!

Mete à boca o primeiro pedaço; engole a primeira pinga. Depois interrompe-se por momentos, queda pensativo. A política internacional baila-lhe no cérebro. Lembra-se de que o bloqueio que tem movido à Rússia é fraco ainda, traça o seu plano...

E no momento em que recomeça a devorar satisfeito o seu *plum-pudding*, amplo como a roda duma carroça, lá longe, na «steppe» gelada, alguns milhões de russos estrebucham de fome...

O MENINO QUE HOJE NASCEU

Jesus-histórico. — Jesus-mito. — Jesus-símbolo. — Jesus dos Evangelhos

Pode-se distinguir na multiplicidade dos conceitos a que tem dado lugar este nome — Jesus Cristo — pelo menos, quatro Jesus: o Jesus-histórico, o Jesus-mito, o Jesus-símbolo e o Jesus dos Evangelhos.

Do Jesus histórico nada se sabe ao certo senão que ele nasceu na Judéa, e lá morreu crucificado, por ter pregado ideias consideradas subversivas pela igreja oficial. O seu nome não aparece nos historiadores profanos senão cem anos mais tarde, e isso mesmo indirectamente, a propósito dos tumultos provocados pelos cristãos. Flavio Josepbo, que nasceu no ano de 37, fala da sua execução em duas linhas, como de um acontecimento sem importância, semelhante a tantos outros que se davam naquela época perturbada. E esta mesma passagem mostra hoje a crítica histórica que foi alterada por mãos cristãs.

O Cristo puramente mítico, segundo a fórmula de Bossi e outros, parece ser, quando muito, o exagero de uma verdade. A existência da floração mítica no tipo do Cristo é evidente; parece, todavia, muito provável que ele vestiu uma verdade histórica, tanto mais facilmente quanto a

vida e as ações dessa personagem se perdiam numa espessa bruma, e que no tablado vazio de ações reais se erguia, num cenário lugubre a cruz de um supplicado.

O Jesus símbolo da aspiração dolorosa da humanidade para um ideal de perfeição moral, por ventura inatingível, símbolo ainda do progresso humano, pela luta do indivíduo contra a sociedade do seu tempo — é o Jesus de Renan, o Jesus do protestantismo liberal e dos modernistas. Ele é de uma incontestável beleza; em compensação a sua realidade histórica é indemonstrável, para não dizer francamente detestável.

Finalmente, o Cristo dos Evangelhos é o Cristo daqueles que, sem cuidar das contestações da crítica histórica à autenticidade dos livros santos nem das suas discordâncias flagrantes, em questões de facto, como de doutrina, aceitam docilmente a imagem composta e disparatada que da leitura dos Evangelhos resulta.

Foi deste Cristo que o sr. Biot-Sanglé se serviu para fazer o seu livro *A Loucura de Jesus*, livro enjo ponto de partida, como se vê, é falso, mas cujas conclusões, aparte algumas deduções o exagero de uma verdade. A existência da floração mítica no tipo do Cristo é evidente; parece, todavia, muito provável que ele vestiu uma verdade histórica, tanto mais facilmente quanto a

José de MAGALHÃES

Noticias de França

O congresso convocado pela «minoría» sindicalista — O discurso de Monmousseau no congresso da União dos Sindicatos do Sena

Convocado pelos sindicalistas minoritários deve realizar-se em Paris, nos dias 22, 23 e 24 do corrente um congresso extraordinário, com o fim de «manter a unidade sindical» e obstar a que a C. G. T. continue, na sua tarefa de excluir os sindicatos, que não se submetem às suas imposições.

Interpretando falsamente as resoluções do congresso de Lille o conselho de Administração da C. G. T. francesa já expulsou do seu seio os sindicatos agrícolas, os dos serviços públicos, dos portos e docas, dos mineiros, vinte mil grevistas de Tourcoing e 299 sindicatos ferroviários, e é para pôr um termo a esta obra criminosa que se desmancha a União e doze Federações onde predominam os elementos minoritários resolveram convocar todos os sindicatos confederados, a fim de lhes apresentar o seguinte questionário:

1. Os sindicatos que se pronunciaram no congresso de Lille sobre as resoluções apresentadas, entenderam votar as exclusões?

2. Aprovam eles as exclusões pronunciadas pelas Unões e Federações maioritárias contra os sindicatos revolucionários, pertencendo ou não aos C. S. R. (comités sindicais revolucionários)?

3. Aprovam eles as exclusões pronunciadas pelo conselho de administração confederal contra os 299 sindicatos, representando 69.000 trabalhadores, e constituindo a Federação Semard-Chauverot-Dejonkère?

Em resposta a esta convocação a C. G. T. dirigiu um supremo apelo às suas organizações, advertindo-as de que se trata de um congresso irregular, organizado por dissidentes, e esboçando-se fusticamente por detrás de falsos pretextos.

Para se fazer uma ideia do cinismo de Jouhaux e da ousada camarilha que tem em suas mãos a C. G. T. francesa vamos transcrever algumas passagens do referido apelo:

«A burguesia sabe já há muito tempo que os seus privilégios, não são ameaçados pelo bolchevismo, desordenado e destruidor, mas que será obrigada a ceder perante o sindicalismo poderoso e organizado.

Ela sabe que nada tem a perder com a política, por mais violenta que seja, e que nada tem a ganhar com o sindicalismo capaz de esforços seguidos e realizações rias.

O capitalismo reacionário lamenta ter cedido às aspirações operárias. Lamenta o dia de oito horas; lamenta a organização internacional do trabalho, o Conselho Internacional, as conferências internacionais.

A burguesia capitalista sabe que a C. G. T. está com aqueles que defendem o seu salário, os seus 720 francos de indemnização de vida careta, a reintegração dos demitidos, as suas pensões de reforma, e que querem obter os seus salários.

Seria demasiado longo, e mesmo perder tempo em rebater todas estas afirmações, dos «líderes» maioritários pois que basta ler a imprensa burguesa para se ver bem onde está o seu verdadeiro inimigo, — se está na C. G. T. ou no «bolchevismo» desordenado e destruidor —, e por isso é inútil esperar, que e possa manter um entendimento qualquer entre os sindicatos por estes influenciados e os da tendência minoritária.

Uma das razões, porque a C. G. T. tem expulso do seu seio alguns sindicatos é por estes pertencerem ao C. S. R.; e por isso alguns minoritários, para convencerem o seu desejo de manterem a unidade sindical, propuseram que aqueles fossem dissolvidos, porém o maior número repeliu esse alvitre, afirmando com razão, que a questão, na realidade não diz respeito ao C. S. R., mas ao espírito revolucionário dos que dele fazem parte, e que portanto, embora aqueles desaparecessem, continuaria a subsistir a causa primordial.

Esta verdade no seio da C. G. T., a questão resume-se simplesmente na luta entre o espírito revolucionário da minoria e o espírito conservador da maioria; entre os que defendem o princípio da luta de classes e da acção directa, e os que, embora não adoptem a tática parlamentar, se prestam a colaborar com a burguesia capitalista nas diversas conferências de trabalho, das quais até hoje ainda não saiu, nem já mais sairá, qualquer benefício para a classe operária.

Às vezes divergências, que existem entre maioritários e minoritários, surgem agora no seio da minoria duas opiniões diversas sobre o comunismo.

U. S. O.

Aos sindicatos aderentes

A comissão administrativa, em virtude de se estar próximo do final do corrente ano, chama a atenção dos respectivos sindicatos, no sentido de os mesmos se pôrem em dia com a cotização para com este organismo, isto no interesse das duas partes, por motivo do fechar das contas dos sindicatos e deste organismo.

Também se dirige aos sindicatos no sentido de os mesmos nomearem o mais breve que lhes seja possível os seus representantes a este organismo, e que essas nomeações recaiam em camaradas que melhor saibam cumprir com essa missão.

Espera a comissão administrativa que os sindicatos tenham em atenção o acima exposto.

Pelas 20 horas, de amanhã, reúne esta comissão, para se ocupar de importantes assuntos.

A sciencia redentora

Uma interessante *Novela Vermelha* escrita por José Benedito que os operários devem ler.

Uns afirmam que o partido comunista, pretendendo negar ao sindicalismo a sua tarefa revolucionária, e dar-lhe um carácter corporativista e reformista, e por isso declaram, que este precisa defender-se contra essa usurpação, e retomar a velha luta de outros tempos de sindicatos contra partidos, de sindicalismo contra comunismo.

Outros não acreditam neste perigo, e dizem que não estão dispostos a tomar parte em tal guerra, e foi dentro deste critério que Monmousseau pronunciou um sensacional discurso no Congresso da União dos Sindicatos do Sena, realizado recentemente, e do qual vamos recortar algumas passagens...

«Eu digo, declarou ele, que se o sindicalismo subordina a revolução à rigidez dos seus regulamentos e da sua carta, arriscava-se a assassiná-la.»

O sindicalismo basta-se a si mesmo, na sua obra de demolição, na sua tarefa de oposição contra o regime.

«Mas a revolução, não é unicamente isso, não é só o período de oposição e de demolição — e depois não se pode demolir um regime só com as forças de que nós dispomos. O sindicalismo não pode recolher senão forças sindicais, na oficina, no escritório, na fábrica e nos campos, entre os explorados dos campos, os sindicatos agrícolas.

Irei fazer uma revolução sem terdes afeição para a vossa causa os camponeses da pequena propriedade particular, que formam no país uma base de produção, que não pode ser desprezada.

«Constatamos, que se num momento dado os camponeses forem movidos por um instinto de revolução, há de procurar agrupar-se e ligar-se, e o nosso sindicalismo não prevê a organização destas organizações de camponeses que não são «sindicalistas».

Eis, porque colocamos a revolução acima das nossas fórmulas muito estreitas, para abraçarmos toda a realidade, não sabendo antecipadamente quão sério as condições de desenvolvimento da revolução.

«Estais certos que o sindicalismo, no seu conjunto, absorverá todos os técnicos? Eu não o estou.

O sindicalismo não fez a revolução na Alemanha nem na Hungria, não porque as massas não fossem revolucionárias, mas porque estava abaixo da sua missão, porque estava ligado ao partido político.

Perante a guerra houve a conjunção dos factores que se chamavam pacifistas para lutarem contra ela, operando-se esta selecção dos homens, anarquistas, comunistas ou sindicalistas; então, ninguém protestou. Da mesma forma os acontecimentos operaram esta centralização das forças revolucionárias.

Ditadura do proletariado exercida pelo sindicalismo? É a tese do sindicalismo absoluto. Ditadura do proletariado exercida pelo partido comunista. É a tese do comunismo absoluto. Erro na base, erro de facto.

Repelimos os dois erros, e apresentamos uma conclusão. Colaboração nos acontecimentos sociais; não colaboração íntima, não ligação orgânica; esperemos para criar os laços orgânicos, que os próprios acontecimentos os criem.

Este discurso de Monmousseau tem dado lugar a largas discussões, não concordando muitos sindicalistas com as opiniões nele expostas.

Assim Benard no «Journal du Peuple» escreveu que considerava extremamente perigoso para o sindicalismo, que este tivesse um pé na luta económica e outro na luta política.

«Na minha opinião, disse ele, dois vizinhos podem viver em perfeita harmonia; dois operários podem trabalhar na mesma coisa, sem que um participe no trabalho do outro, e vice-versa. Basta que cada um deles faça com consciência a parte, que lhe compete, sem tocar na do vizinho para a qual não está habilitado.

Esperando que luz se faça, dizemos que as relações entre as forças revolucionárias serão determinadas pela atitude do partido comunista em face dos sindicatos.

À sua cordialidade será maior ou menor conforme o partido for ou não conciliador.

Ele tem a palavra, aproveita-la há para dizer tudo o que pensa?»

Revulsivos

A tiritar, sem capota
Que no prego me ficou;
Sem dez reis, mais elegrete,
Ante o leito aqui estou
Para levar-lo ao boio.

«A noite bem entendido —
Não me deixou de ninguém,
Nesta vida dissonante
Toda a gente sempre os tem,
Mesmo os assombraçãoes.

Faz hoje anos que nasceu
O infeliz Jesus Cristo
Que, por ser justo, morreu
(Ponha os seus olhos nisto).
O ser bom é que o perdeu.

Se, na forma prometida,
Cai voltasse, o desgraçado,
Pela malta redimida,
Em vez de crucificado,
Seria comido, em vida.

J. B.

Universidade Livre

Em virtude da festividade do dia, não efectua hoje o dr. sr. Carneiro de Moura, a 3.ª lição do Curso de Direito Comercial.

C. G. T.

Secção de Federações

Deve reunir, na próxima terça-feira, pelas 21 horas, a Secção Confederal das Federações. Nesta reunião tratar-se-á da questão relativa à Federação Ferroviária e o pessoal das Carris de Ferro, devendo, pois, à mesma sessão assistir a Comissão Organizadora do Congresso Ferroviário.

Em mangas de camisa

Doces monumentais. Há ali no Chiado uma confeitaria *chic*, cujas montras ostentam doces monumentais. Sabe bem só o olhar através do vidro transparente que os livros das mãos cobertas que poderiam maculá-los. Mas o olhar é livre, é ainda — por suplicio nosso — livre, completamente livre. Por isso quedamos extasiados por longo tempo a contemplar aqueles caprichos de confeitaria que representavam peixes mitológicos, ananazes que não são ananazes, são docuras deliciosas com a forma desse fruto tropical e outras coisas bizarras que devem ser boas, com certeza. E' por isso que nós gostamos muito da época do Natal — não podemos comprar os doces mas vimos-os completamente à nossa vontade...

Coincidência. Ontem véspera de natal «A Epoca» festejou o nascimento de Cristo com a morte de Guerra Junqueiro. Resou a oração fúnebre, Lino Neto, chefe das especulações eleitorais dos católicos. Resou, mas não chorou, nem fingiu chorar, como é uso em orações fúnebres. Presente-se nela, um riso franco, uma alegria forte, a alegria do folião a quem a morte dum inimigo lhe poupa rugas, cabelos brancos, anos de vida...

A oração fúnebre atinge uma ironia feroz, dum ferocidade inultrapassável quando afirma que Guerra Junqueiro está vivo e recusam-se a eliminar da sua obra tudo que nela existe de desagradável para a igreja.

Este Lino Neto, este católico tão implacável. Depois de terem crucificado o Cristo às suas conveniências aneiam que Guerra Junqueiro viva até que ele acabe de matar o poeta que disse as últimas à igreja, em versos admiráveis.

E' possível que Guerra Junqueiro morra antes disso. Porque não se elimina a crítica à igreja, com meia dúzia de asneiras, próprias dum velhice a mais não ser senil.

Camarada fixa bem

Para comprares calçado precioso numa casa que te sirva honestamente? Pois não hesites, procura o

PAVILHÃO AMERICANO
R. Marquês do Alegrete, 77

Agressão

Recebeu curativo no banco do hospital de São José seguindo depois para casa, Joaquim de Oliveira Marques, de 27 anos, natural de Alentejo, marinheiro da armada n.º 5575, que no largo de S. Domingos foi agredido ficando ferido na cabeça.

Atropelamento e morte

No largo do Mitoel foi ontem atropelado por uma carroça guiada por António Matos, de 25 anos, natural de Lisboa e residente na Azinhaga dos Sete Castelos, 16 r/c, o carpinteiro António Joaquim de Moraes, de 82 anos, viúvo, natural de Constância e morador na rua Barão de Sabrosa o qual foi conduzido ao hospital de S. José onde faleceu momentos depois de entrar na enfermaria de S. Francisco.

No caso do desastre e em virtude de se ter espantado o cavalo foi cuspidor do veículo o carroeiro que também recebeu curativo no mesmo hospital recolhendo depois a casa.

Rendimento dos operários

Na enfermaria provisória n.º 8 do hospital de São José deu entrada Angelica da Soledade, de 60 anos, natural de Alhandra, e residente na Encarnação, Estrada de Sacavém, que caiu de uma carroça na rua Arco Marquês de Alegrete, fraturando uma perna.

“Peroxydril”

A melhor água oxigenada. A' venda em todas as farmácias e drogarias.
Fabricantes: Bandeira de Melo, Ltd.

Classes que reclamam

Funcionalismo público

A comissão central dos funcionários e assalariados do Estado, procurou ontem, pelas 18 horas, o ministro das finanças, invocando razões, por intermédio do seu chefe de gabinete, que os comissionados não aceitaram como legítimas, pois delas se desprende o firme e velho propósito do ministro em não atender as comissões delegadas das classes.

Os comissionados lavraram o seu protesto perante o chefe de gabinete contra a desconsideração de que se julgaram atingidos por parte do ministro das finanças, tanto mais que está em contradição com as afirmações do presidente do ministério.

Contudo, os comissionados voltam mais uma vez a procurar o ministro das finanças na próxima terça-feira.

Boas Festas!

Olha o Pimenta! Lá está o Alfredo Pimenta, o bom Pimenta das luvras cor de canário, a zangar-se conosco porque atacamos a reacção!

Lá está o Pimenta, o Alfredo Pimenta ex-anarquista a dizer que nós não temos cultura! Pimenta, não sejas mau. Pimentinha não queira arrolar a gente nestes dias em que o dinheiro anda a pontapé no nosso lar e a pândega macabra da fome faz bailar as famílias pobres... Pimenta, Pimentinha não nos estragues a grande pândega; não nos chames estúpidos... que nós bem te compreendemos. Enfim, seremos estúpidos, Pimenta, estúpidos, Pimentinha, mas mas como tu és que não sômos, isso não. Não sômos maus, crê. Hoje, em vez de perturbar a tua digestão do peru com um artiguinho leve, limitamo-nos, Pimenta, Pimentinha amigo, a dar-te as boas festas...

TEATRO SÃO LUIS

Compagnia de opereta ARMANDO VASCONCELOS

da qual faz parte a actriz AUSENDA D'OLIVEIRA

A célebre opereta italiana em 5 actos, de Reggio, tradução de Acácio Antunes, música de A. Casella

JARDIM D'ASPAZIA

Deslumbrantes cenários — Luxuosa guarda-roupa — Linda música — Artística encenação — Brilhantes efeitos de luz — Magnífico desempenho

Desportos

O desafio de hoje

Effectua-se hoje às 14,30 o primeiro desafio do grupo de foot-ball tchechoslovaco, que jogará com o Casa Pia Atlético Club, no Campo do Sporting, ao Campo Grande.

Os jogos que o Union de Praga realiza entre nós são os seguintes:

Dia 25 contra Casa Pia Atlético Club, Dia 26 contra Sporting.

Dia 31 contra Sport Lisboa.

Dia 1 contra um team mixto.

Dia 2 contra o team português que maior «score» obtiver.

Todos os jogos, exceptuando o de amanhã, principiam às 15 horas.

Homenagem a Machado Santos e Carlos da Maia

Como temos noticiado, realiza-se amanhã, pelas 15 horas, sob a presidência do presidente da república, a sessão fúnebre de homenagem a Machado Santos e Carlos da Maia, no salão nobre do teatro Nacional.

A entrada é por bilhetes de convite.

AS GREVES

Corticeiros de Almada

A Secção dos Operários Corticeiros de Belém, segundo o pedido da Federação Corticeira, conseguiu trabalho para dois quadros, que devem apresentar-se na sede desta secção.

Tribunal de Defesa Social

Reúne no próximo dia 27, o Tribunal de Defesa Social sob a presidência do juiz Joaquim Crisostomo e como vogais Raúl Gomes da Costa e dr. Ferreira de Sousa, nos terrenos anexos à Cadeia Nacional.

Novela Vermelha

Publicação literária mensal COLABORADORES:

Manuel Ribeiro; Mário Domingues; Aquilino Ribeiro; Nogueira de Brito; Sobral de Campos; Augusto Machado; Perfeito de Carvalho; Cristiano Lima; Bento Faria; José Benedito; Gonçalves Correia; Julião Quintinha, outros

Publicado:

N.º 1 — A Expição — por Manuel Ribeiro.

N.º 2 — Sangue Fidalgo — por Nogueira de Brito.

N.º 3 — Hugo, o pintor — por Mário Domingues.

N.º 4 — Dois tiros — por Sobral de Campos.

N.º 5 — Impossível redenção — por Augusto Machado.

N.º 6 — A Escola de Nun'Alvares — por Cristiano Lima.

N.º 7 — Anastácio José — por Mário Domingues.

N.º 8 — A Sciência Redentora — por José Benedito.

A sair em Janeiro:

N.º 9 — O mestre geral — por Jesus Peixoto.

Preço por número \$25 Assinatura, série de 10 números, \$250, pagamento adiantado

Locais de venda

Lisboa: quiosques, tabacarias e livrarias. Porto: redacção da *A Comunidade*. Coimbra: Livraria Lumen, Tabacaria Pátria, e em casa de Manuel Bernardo Ferreira, torreiro da Erva. Outras localidades nos agentes da *Batalha*.

Hoje — Natal

ULTIMA DESPEDIDA

COZINHA PORTUGUESA

HOJE, 25, Domingo, às 21,15 — Dia de Natal — Verdadeira festa das famílias

Dia 28: E' o levas... (NOVA REVISTA)

TEATRO APOLO

GATO POR LEBRE

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil — Reúne o Conselho administrativo, que aprova definitivamente um projecto de desenvolvimento de trabalho e, as resoluções da C. G. T. sobre as deliberações desta Federação, a propósito da irradiação dos ex-delegados da U. S. O. de Évora.

Atento o perigo em que está a autonomia e fragilidade da Federação, resolveu convocar o Conselho Federal a reunir na próxima terça-feira pelas 20 horas, a fim de tratar de tão importante assunto.

Sindicato União da Construção Civil de Almada. — Reúne na passada sexta-feira a assembleia geral deste sindicato, que foi bastante concorrida, assistindo como delegado da F. C. C. o camarada João Caldeira. Depois de tratar de diversos assuntos, nomeou o Conselho Técnico, que ficou composto dos camaradas Cursino de Sousa, Amaro Trindade, Joaquim Humberto Pereira Ramos, João Miranda e José Ferreira, para a comissão de melhoramentos.

Tratando do pedido de demissão do camarada Gabriel Pais, depois de troca de explicações, acatou a comissão a continuar a exercer os seus cargos.

CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal. — Reúne amanhã, pelas 21 horas, o secretário, conjuntamente com as direcções dos sindicatos aderentes, para serem tratados assuntos de importância, devendo comparecer todos os componentes.

Condutores de carroças. — Com o fim de ser apreciada a reforma das matriculas dos carroceiros e as perseguições de que têm sido vítimas ultimamente por parte da policia de varejo, reanuda hoje, às 15 horas, na praça de S. Antonio, Flor, 23, convidando-se sócios e não sócios.

União Textil. — Realiza-se amanhã, pelas 15 horas, na sede da Construção Civil de Belém, uma assembleia magna da classe para se tratar e resolver o caminho a seguir em face da carestia da vida. Que nenhum camarada falte, dada a importância do assunto.

Operários Alfaiates. — Reúne na próxima terça-feira a assembleia geral para apreciar o parecer da officina sindical, uma moção e um officio do Núcleo da Juventude Comunista de Lisboa.

Sindicato Único da C. Civil. — Conselho administrativo. — Convidam-se a reunir extraordinariamente amanhã pelas 20 horas os delegados deste conselho, o assunto a tratar, é de urgência, razão porque nenhum delegado deve faltar.

Secção profissional dos pedreiros. — Convidam-se os camaradas que foram nomeados para os corpos gerentes, a reunirem na próxima terça-feira, pelas 21 horas, a fim de se serem dadas as suas credenciais.

Secção profissional dos serventes. — Reúne este comité amanhã pelas 20 horas para tratar de um assunto de alta importância.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Trabalhadores Rurais do Egrejinha. — Os rurais de Egrejinha, reunidos na sua associação de classe, em assembleia extraordinária, protestaram energicamente contra o decreto 775 que cria a educação pessoal e resolveram esperar as resoluções da C. G. T. para irem até onde for preciso, para a anulação do referido decreto.

SEARA NOVA

JÁ SE ENCONTRA A VENDA NA ADMINISTRAÇÃO DE «A BATALHA»

O N.º 5

PREÇO 50 OTVS.

Sociedade Naturista Portuguesa

Para eleição dos corpos gerentes que não funcionar durante o próximo ano de 1922, realiza-se amanhã, pelas 20 horas, a assembleia geral da Sociedade Naturista Portuguesa.

Calendários

Da casa Serra, Neves & Esteves, da rua Eugénio dos Santos, 140, 2.º, recebem 5 calendários parietais para o ano de 1922. Agradecemos.

UM BODO

Da Cooperativa «A Padaria do Povo», da rua Particular, à rua Almeida e Sousa, recebemos 5 bilhetes para serem distribuídos por protegidos do nosso jornal, que terão direito ao consumo de géneros de mercearia e padaria até à quantia de 2550, hoje, mediante a apresentação do respectivo vale. Em nome dos contemplados, agradecemos.

Para a orgue

No Necrotério do Instituto de Medicina Legal deram ontem entrada os seguintes cadáveres: Carlos Armando dos Reis, de 44 anos, ferroviário e residente na Estrada de Bemfica, 330, páti, que foi acometido de doença repentina chegando ao hospital já morto, Artur Fernandes Torres, de 13 anos, residente no Caminho do Forno de Tijolo, que foi atropelado por um automóvel na Avenida Almirante Reis, e José de Castro, que faleceu repentinamente.

Lição merecida

Florinda Zenoglio, moradora na R. Aliança Operária, 23, a Ajuda, é aquela incluída a quem já por várias vezes nos temos referido, que de há três anos vem resistindo às prepotências do seu senhorio, Daniel Domingos Torres, residente na R. Penha de França 26, 1.º.

O senhorio viu-se forçado a entregar-lhe dois mil escudos, de indemnização. E' de supor que esta lição lhe tenha servido de proveito.

COLISEU DOS RECREIOS

Telef. C. 4196

HOJE A's 14 — Grandiosa MATINÉE

A's 20,45 — Soberbo ESPECTACULO

AMANHÃ 2.ª FEIRA SURPREENDENTE MATINÉE

A' noite: MAGNIFICO ESPECTACULO

Os melhores e mais variados trabalhos da GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

Novos e engraçados Intermedios cómicos pelos populares clow»

IRMÃOS ALBANO

2.ª feira — Espectáculo da moda — ESTREIA dos notáveis artistas ginastas: «OS 3 ANELOS»

O melhor e mais barato espectáculo de Lisboa

PRAZER! ENTUSIASMO! ALEGRIA!

A BATALHA na provincia e arredores

Coimbra

25 DE DEZEMBRO

O «Tipo Único» do pão

Até à data ainda aqui não chegou o célebre decreto, que estabeleceu em todo o país o tipo único de pão, tudo nos levando a crer, que passou aqui de largo e

A BATALHA no Porto

De como se prova que a cidade do Porto entra no caminho do progresso e da moral. — Um singular espectáculo só... para homens num «Jardim» onde vai a sociedade elegante. — Mais pormenores...

PORTO, 23. — C. — Já comunicámos para a Batalha, há algumas semanas, que a industrial capital do norte desta jardindade, rinha portuguesa singra, de vento em pó, num bonançoso mar de maravilhosos progressos realizáveis... É uma felicidade viver-se nesta florescente cidade, que possui uma colossal brigada de leiteiras a adulterar-nos todos os dias, o leite que trazem ao mercado, apesar das muitas e sentenças benéficas com que a polícia e os juizes se entretem a conceder-las... nas audiências gerais... Falámos já, em ocasião oportuna, nas novas avenidas, nas mudanças, frequentes, dos nomes das ruas, a dificultar a orientação do lapão que não tem o prazer de permanecer efectivamente nesta terra, concomitantemente, assistir às variantes progressivas que ornamentam e alindam esta sempre e fiel invicta... a antiga ponte das barcas; na existência, sob a fraterna cumplicidade das autoridades administrativas, — que só pensam, criteriosamente, na pesquisa de dinheiros oriundos das licenças, — de cafés suspensos onde, toda a noite, com grande escândalo, se aglomeram, provocadamente, grupos de mesalinas lãs com os seus competentes soluzeiros ou clientes; na população triste e vergonhosa de verdadeiras crianças industriais na alta escala francesa da mais elegante debochice, francamente intrometendo-se com os castos sossegados e multivagos passeantes; nas carpapadas dos negócios de cafés; etc., etc...

O que não dissemos ainda, porque não sabíamos, é que acrescida à moruna exibida publicamente, desbragada e descaradamente, havia uma imoral secret representada numa das casas de espectáculos da rua de Passos Manuel, que tem um encantador jardim, onde a cidade chic portuense costuma frequentar e delectar-se na aspiração dos perfumes das plantas e das essências da burguesia feminina e concorrente! Este progresso é que nos tinha sido ainda vedado ao nosso conhecimento, apesar de tripeiros também.

Mais tarde do que nunca... e o anáxis vai cumprir-se, levantando-se a ponta do véu em que se encobria a patifaria.

Uns pãdegos, uns boémios excelentes, pretendendo ganhar uns coitres e dar exibições largas e divertidas aos seus appetites de exteriorizações obscenas, reles, e devassas, conceberam a ideia, a genial ideia, de organizarem um espectáculo... só para homens...

Como aqui no Porto todas as iniciativas boas encontram sempre desinteressados coadjuvadores — a coisa foi por diante. Os bilhetes venderam-se ao módico preço de 10\$00, com direito a uma refeição. A casa passou-se ao completo. E a semana prefatória, depois dos espectáculos terminados, da burguesia saída, dos espectadores de ambos os sexos recolhidos em casa e longe da fôrnia da devassidão furiosa — ali pela uma hora da manhã em diante, no salão cinematográfico, a porta bem fechadilha, realizou-se o projectado espectáculo... só para homens, no Jardim Passos Manuel, bem conhecido, bem concorrido.

A peça representada foi D. César de Bazan, — salvo erro de informação — paródia à outra do mesmo nome. Os assistentes, sem dúvida uns mariolos moralizados, saltaram fortes delats de rir — porque os palavrões mais baixos, vermelhos e indecentes saíram das bocas imundas dos boémios actores-amadores; porque se exibiram os gestos mais relaxados a excitarem o sistema genital dos imorais espectadores. Terminada a pouca vergonha no Jardim Passos Manuel, a coisa continuou duns pastéis e vinho, e tudo retirou, madrugada alta, na mais estúrdida confraternização... em companhia das amáziãs...

Ora diz-se que entre os organizadores, conta-se um tal sr. Francisco Judicib, sobrinho da actriz Palmira Bastos, que é actor e tem o curso do Conservatório de Lisboa... Pelo que se vê que é um bom artista... na marfiteira. Pois para isso era escusado ir ao Conservatório...

Uma nova iniciativa: um club e casa de batata... num luxo oriental

O progresso no Porto vão sempre em aumento. E assim, além dos espectáculos só para homens, em que entraram conhecidos batoteiros, inaugurou-se ontem, na rua Formosa, num edifício onde está instalada a tipografia Portuguesa, um club, que parece denominar-se Club Português, deixando de existir um outro antigo com o mesmo título.

Este novo estabelecimento é do género «Expenda Club», que estivera situado no hoje edifício do órgão, na imprensa, da moagem e que fôra devassado pelo público no célebre levantamento contra os batoteiros. Sobretudo instalado, magnificamente luxuoso, ele destina-se, sobretudo, ao desempenho da alta batata, apesar de há dias os semanários o sr. comissário declarar que seria inexorável na repressão do jogo.

Faz parte da firma industrial de batata, que também para dissimular, tem outros divertimentos incluindo os de culinária esmerada e doce, um conhecido capitalista da Foz, que teve o tem ainda uma outra casa de azar naquela localidade referida.

Na abertura retumbante, houve banquetes, brindes, convites e bôdo. A frequência não é para tout le monde, é só excessivos aos hábitos da roleta ou do monte, mediante cartão, e que tenham bastante dinheiro para lá o largar... É natural: a imprensa cá da terra não alindará ao principal negócio a que se destina o Club da rua Formosa, em cujas instalações se dissiparam dez-nas de contos e se empregaram, numa

grandiosa pressa, uma infinidade de artistas... Como o dinheiro dos municípios do Porto é empregado... A ordem é rica e os frades são poucos... — Remédio: carestia dos aluguéis municipais...

O Porto, representado na Câmara, nunca tremeu ante a efectivação de benefícios e melhoramentos; tomou conta de duas fábricas de luz, eléctrica e de gás, e inundou-nos de escuridão. Já nos referimos em outra correspondência a este poder municipal e iluminante que actualmente serve esta cidade. Faltava explicar o montante das suas despesas, que deviam ser grandes. Pois fomos ontem sabê-las à sessão extraordinária da comissão executiva da nossa excellentíssima e económica Câmara.

Ora lá, com um bem fingido e estudado espanto dos srs. vereadores, soube-se que, no curto espaço de 9 meses apenas, se gastou só em petróleo, quer dizer, em gás afora os quebrados: no edifício da Câmara, 12 contos; nos jardins públicos, que estão quasi sempre, as escaras, 54 contos; no Internato Municipal, 14 contos; no Matadouro, 4 contos; com o gás dos bombeiros, (trase o sr. vereador Ramiro Guimarães, que nos fez rir e mais o público) 24 contos; com... etc., etc., tudo no valor de 157 contos!! Todavia, a cidade continua uma vergonha e pessimamente iluminada... para que as poucas veronhas se façam ao ar livre e livremente...

Mas há mais: aqui há tempos, a Câmara, numa mania de comissões, nouco mais uma para tratar das bases da municipalização da Carris e da questão das águas. A Carris, depois disso, ficou sendo a mesma potentada e as águas continuaram a continuar a fazer e a ser de má filtragem.

Pois sabem os leitores de A Batalha, quanto ficaram estes melhoramentos... no papel e nos discursos? 12 contos, que é quanto a C. E. do município, por proposta do sr. Ramiro Guimarães, deliberou pagar, como salários, à referida comissão! Uma verdadeira mina!

Como ainda é pouco e a Câmara é muito rica, pois os bolsos dos contribuintes são fundos e estão recheados, também resolveu pagar 1.050\$00 pelos leenhos dos diplomatas entregues obsequiosamente aos generais estrangeiros que nos vieram visitar há meses, e deitado aos quais se desperdiçaram dezenas de contos de réis em foguetes, automóveis e banquetes opiparos. O público, ontem, na sessão, ficou banzado com tanto descaramento...

Mas a coisa remediou-se: a iluminação pública continua sendo péssima, corta-se o gás nos paços do concelho, e reduziu noutros estabelecimentos municipais e os aluguéis dos bairros operários da Câmara sobem para 5\$00, 7\$50 e 10\$00, dando assim exemplo aos senhores para que eles, como ela, não se incomodem com a lei do inquilinato...

Por último, para que as consequências dos esbanjamentos sejam suavizadas, resolveu também que, do próximo dia 1 de Janeiro em diante, cada carro de lixo vendido na lixeira de Camões passe a custar 7\$00!

Os empregados da Carris resolvem manter as suas reclamações de equiparação

Os empregados menores da Companhia Carris retiraram ontem em assembleia magna para ouvir em exposição feita pela comissão delegada acerca das diligências por ela efectuadas junto da administração daquela Companhia, no tocante às reclamações a que já nos temos referido, e resolver qual o caminho a seguir.

Alguns membros da comissão relataram claramente tudo quanto se passou junto das entidades competentes, que foi tudo quanto já comunicámos nas correspondências transactas.

Apenas há a diferença de que numa nova entrevista havida entre a comissão do pessoal e a administração da Carris, esta, muito benévola, comprometeu-se a dar 1\$00 por dia, de aumento, a principiar da 2.ª quinzena de Fevereiro próximo, ficando a equiparação para mais tarde, para quando se der a revisão das tabelas... A Companhia pensa, pois, na revisão... das tabelas, isto é, das passagens. A comissão referiu-se também à atitude do chefe do distrito, que não prometeu outra coisa senão garantir a ordem e fazer, a todo o custo, circular os carros.

A assembleia, porém, não concordou com a oferta duvidosa dos membros da administração da Companhia e, não querendo saber se a Câmara consente ou não no aumento, para 250\$00, dos anuais do contrato, resolveu manter integras as suas reclamações que veem sendo feitas há tempos — isto é: a equiparação dos seus vencimentos aos dos seus colegas da capital.

Os propósitos da Companhia Carris de Ferro do Porto

Escrevemos que a Companhia Carris de Ferro desta cidade o que pretendia, com o aumento para 250\$00 dos anuais de contrato, era que o público analisista deixasse de comprar os tais anuais, bem como terminar, de vez, com eles. Não erramos. A Companhia, num comunicado que publicou hoje em resposta à Câmara a propósito do decreto 5.395, a que aludimos já, tem estas passagens de confissão: se atendeu ao menor encargo possível para o público, pois quem achar o anual caro, fica com o recurso do bilhete avulso, que apesar de ser «relativamente barato», no fim do ano saem as despesas mais caras do que comprando o anual. E terminam os Severianos da administração por declararem «que em Lisboa foram abolidos os anuais...» Do que se conclui, que uma vez terminados, lucraria mais a Companhia, porque os milhares de analisistas veriam as passagens avulsas — e mesmo agora já se fala nisso — en-

carecerem a olhos vistos... O Severiano não é tolo...

C povo do concelho de Gaia vai triunfando — Reconsiderando...

Mercê da atitude energética que o povo do concelho visinho de Gaia tomou contra a câmara, por esta suspender os serviços da limpeza, o ditador Alberto Conceição Teixeira, presidente do município, sempre se resolveu a consentir que seja chamado o maior número de empregados, conforme o acordo feito no governo civil desta cidade. E' que a questão estava a azedar-se e os municípios de Gaia não estavam dispostos a tolerar os caprichos dos seus representantes municipais. No entanto, o conflito não está ainda de todo solucionado.

Na minha critica de ontem, onde se lê: «Frei Satanaaz no dizer aproximado, don conspicuo doutor» — deve ler-se: «Frei Satanaaz é isso mesmo, no dizer aproximado etc., etc.»

O leitor desculpará a ausencia duma frase indispensável, mas a peça desconcertou-me de tal maneira, que fez com que eu pudesse construir orações sem verbo. A bon entendeur...

DEMÓCRITO

Noticias

Os números dos jogos sportivos da nova revista do Apolo, E' o levas...

O quadro dos telefones que esteve em scena no Foz, na revista Tróia-ro, por acordo entre a empresa do Apolo e a que primitivamente o fez representar em Madrid, vai no repertório daquela companhia, ao Brasil, incluído na revista Risos e Flores.

Reclames

Deixar por estes dias e scena, no Avenida, a opereta Viagem a China, por isso, quem anda a não viu, aproveite.

Hoje, dia e noite de intens festa, quem quiser assistir a um espectáculo esplendido, não deve faltar no Nacional, onde se repete a interessante peça Frei Satanaaz, original do sr. Sousa Costa, que obteve o mais brilhante êxito.

A nova peça constituirá, também, o espectáculo de amanhã e noites seguintes, visto ter conquistado o mais excepcional agrado. Fez hoje a sua 102.ª representação no Salão Poz, a famosa revista Bichinha gata...

que se repete em duas sessões, que, como sempre sucede, serão outras duas enormes enchentes no elegantissimo teatro. A incomparável peça, cheia de graciosidade e brilhantismo, e que é um grandioso êxito de esplendida companhia Otelo de Carvalho, volta à scena amanhã, sendo as duas rectas em homenagem aos autores da já

O BRIC-Á-BRAC DE ALCANTARA

DE José Nicolau Veríssimo

Rua do Alcantara, 37 — SUCURSAL: Rua do Livramento, 411 e 413

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobílias completas de quarto, casa de jantar, escritório e sala. Sucatas, trapos, papel e lãs. 5 % de desconto aos assinantes de A Batalha.

CLUB DOS RESTAUADORES

MAXIM'S

O PRIMEIRO RESTAU-RANT DO PAÍS ***

ORQUESTRA DE TZI-CANOS *****

NOTÁVEIS NUMEROS DE VARIEDADES ***

Praça dos Restauradores, 43

O Processo do Chauffeur

Pelo advogado BERNARDO LUCAS com uma carta-préface de

Ex.ª Sr.ª D. Maria Adelaide Coelho

Este livro trata da acção promovida pelo sr. dr. Alfredo da Cunha contra o chauffeur Manuel Claro, vítima duma infame perseguição.

Pedidos à administração de A Batalha acompanhados da respectiva importância.

Preço 2\$00 — Pelo correio, 2\$20

Cholates e Bombons em cartonagens finas

Bolachas inglesas

Receberam os ESTABELECIMENTOS:

Jerônimo Martins & Filhos

13, RUA GARRETT, 23

CLÍNICA DENTÁRIA

PARA AS CLASSES POBRES (Preços de Policlínica)

Consultas das 10 às 12

MÁRIO MACHADO

Da Escola Dentária de Paris

R. Garrett, 74, 1.º — Telef. C. 4186

TABACARIA NACIONAL

Sempre tem dinheiro quem joga a loteria nesta feliz casa

38 — RUA DA MOURARIA — 38-A

SEMPRE SORTES GRANDES

ISQUEIROS

Pedras para isqueiros, vendem-se no Largo do Conde Barão, 55. (Tabacaria do isqueiro à porta).

Teatros

Primeiras

Na minha critica de ontem, onde se lê: «Frei Satanaaz no dizer aproximado, don conspicuo doutor» — deve ler-se: «Frei Satanaaz é isso mesmo, no dizer aproximado etc., etc.»

O leitor desculpará a ausencia duma frase indispensável, mas a peça desconcertou-me de tal maneira, que fez com que eu pudesse construir orações sem verbo. A bon entendeur...

DEMÓCRITO

Noticias

Os números dos jogos sportivos da nova revista do Apolo, E' o levas... natação, esgrima, pau, chingilho, e ginástica sueca — foram ensaiados por professores da especialidade. O ensaio geral da revista em que reaparece a distinta actriz Dora Vieira, está marcado para o dia 27.

O quadro dos telefones que esteve em scena no Foz, na revista Tróia-ro, por acordo entre a empresa do Apolo e a que primitivamente o fez representar em Madrid, vai no repertório daquela companhia, ao Brasil, incluído na revista Risos e Flores.

PARA HOJE E AMANHÃ

CARTAZ DO DIA

NACIONAL — A's 21 — «Frei Satanaaz».

S. LUIS — A's 21 — «Jardim de Aspas».

A's 15 Matinee — 5.ª — «Uma viagem a China».

AVENIDA — A's 21 — «Uma viagem a China».

POLITEAMA — A's 21, 30 — «Uma mulher sem importância».

A's 15 — «Comédia sinfónica».

CHIADO TERRASSE — A's 21 — «O Novo Testamento».

APOLLO — A's 21, 15 — «Gato por Lebre», revista.

EDEN — A's 8.30 e 10.30 — «Tic-Tac», revista.

POZ — A's 20.30 e 22.30 — «Bichinha gata».

COLISEU DOS RECREIOS — A's 20.45 — «Companhia de circo».

GIL VICENTE (à Gracia) — A's 21 — «O Remorso».

CONDES (Avenida) — Animatógrafo.

PROMOTORA (ao Calvário) — Animatógrafo.

DE

Rua do Alcantara, 37 — SUCURSAL: Rua do Livramento, 411 e 413

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobílias completas de quarto, casa de jantar, escritório e sala. Sucatas, trapos, papel e lãs. 5 % de desconto aos assinantes de A Batalha.

Bolachas Inglesas

W. R. JACOBS & C.º

Remessa chegada pelo vapor Aguilã, à venda n.º

MERCEARIA BRASILEIRA — Francisco Pinto

267 — Rua Augusta — 269

Agente para Portugal e colónias, Ant.º

Novo remessa a chegar. n.º M. Viana — R. da Madalena, 96, 2.º

A COMUNA

Semanário Comunista Libertário

Redacção e Administração

Rua do Sol, 131 — PORTO

Damião & C.º

Especialidades em fatos, vestidos e chapéus para rapanças

57, Rua Garrett, 59

LISBOA

Telefone 2940

Restaurant AVENIDA

ANTIGO PALAIS-ROYAL

UM DOS MELHORES

Jantares-concertos todos os dias

Baile todas as noites

Máquinas e Ferramentas

Para as indústrias, para a agricultura e para as colónias

Instalações completas de:

Fábricas de moagem, descasque de arroz, massas, serração, carpintaria, cerâmica, conservas, fração, tecidos, gelo, refrigerantes, adubos, papel e outras indústrias.

Lagares de azeite «PIETRO VERACI».

Motores a gás pobre de 8 a 300 H. P. «PAXMAN».

Tractores «CASE» com as respectivas charnas «Grand-Detour» — Os tractores que obtiveram o 1.º premio e medallha de ouro no concurso de Lincoln em competencia com 38 outros concorrentes.

Locomoveis, com formilha propria para queimar lenha, «PAXMAN».

Motores a oleos pesados «DIESEL» e «SEMI-DIESEL».

Jogos de debulha «PAXMAN».

Enfardadeiras «STEPHENSON».

Máquinas de vapor, fixas, semi-fixas e caldeiras «PAXMAN» de todas as forças.

Ceifeiras, gadandeiras, «DEERING».

Respiadores e grades de dentes de mola.

Cultivadores e semeadores «PLANET».

Corta-fenos simples e para ensilagem.

Trituradores para rações e cereais.

Desintegradores «CARTER».

Bombas centrífugas, aspirante-pressantes rotativas, Colambia, de jarro e relógio.

Sem excesso de reclame, a casa que tem em armazem não só os maquinismos que anuncia, mas ainda muitos outros que pela sua diversidade é impossível especificar. Para comprovar o que afirmamos, convidamos os nossos ex.ºs clientes a visitar os nossos armazens

Fornecem-se propostas e orçamentos

Eduardo Pinto de Sousa & C.ª, L.ª

Telef.: C. 193 e 2288 — 74, Rua 24 de Julho — End. telegr.: Mecânica-Lisboa

LISBOA

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL

Acções... 360.000\$00

Obrigações... 288.630\$00

Fundo de reserva e amortizações... 360.000\$00

1.co8.630\$00

Escritórios e Depósitos:

270, Rua dos Fanqueiros, 278. — LISBOA

49, Rua Passos Manuel, 57. — PORTO

Endereço telegráfico: LISBOA e PORTO — PEAPRADO

COMPANHIA

DOS

TABACOS DE PORTUGAL

Sociedade anónima responsabilidade limitada

CAPITAL ESCUDOS 9.000.000\$

SEDE AVENIDA DA LIBERDADE, 12 LISBOA

COMITÉ DE PARIS RUA LAFAYETTE, 11 PARIS

FABRICAS

EM LISBOA NO PORTO

Lisbonense — R. Santa Apolónia Lealade — R. de Costa Cabral

Xabregas — R. Direita de Xabregas Portuense — Povo das Patas

DEPOSITOS GERAIS

EM LISBOA NO PORTO

Rua Direita de Xabregas Campo 24 de Agosto, 31

Os tabacos desta Companhia encontram-se à venda em todos os estancos do País e nas agências do Ultramar

FABRICO MECANICO

É OMAL HIGIENICAMENTE FABRICADO E ENCONTRA-SE A VENDA NOS SEQUINTE DEPOSITOS:

N.º 1 — RUA DO AMPARO, 1.º 7

N.º 2 — RUA DA BETESCA, 12, 14

N.º 3 — RUA EUGENIO DOS SANTOS, 11, 13

N.º 4 — PRAÇA DAS FLORES, 1, 2.

Grandes Armazens do Chiado

Amanhã, segunda-feira

Continuação da grande venda de artigos próprios para brindes e obras de caridade e exposição da

Arvore do Natal

Lãs de fantasia, bons padrões para vestidos. Metro. 2\$300!

Lãs às riscas, a grande moda para vestidos. Metro 3\$000!

Um corte de fato de belo cheviote, padrão de novidade, gênero inglês, para homem. 3 metros por 12\$000!

Sarjas de lã com grande largura, enorme sortido em todas as cores. Seu valor 15\$000. Vende-se actualmente por metro 9\$000!

Um corte de vestido de lã de fantasia para senhora, a 18\$000, 15\$000, 12\$000 e 9\$200!

Lãs em xadrez, o chic para vestidos. Metro. 4\$500!

Lãs, padrões de novidade para vestidos. Metro. 5\$500!

Um corte de fato de cheviote inglês, padrão da moda, o que ha de *chic*, para homem. 3 metros por 29\$500!

CORTE DE VESTIDO de flanela lisa, bela qualidade, 5 metros por 4\$500
CORTE DE VESTIDO de flanela lisa qualidade muito forte, 5 metros por 7\$500
CORTE de flanela para vestido, artigo de fantasia, 5 metros por... 5\$000
CORTE DE VESTIDO de flanela de fantasia, muito larga, 5 metros por 7\$500

CORTE DE VESTIDO de percalina, desenhos muito lindos, 5 metros 5\$500
CORTE DE BLUSA de flanela lisa, cores da moda, 2 metros por... 1\$800
CORTE DE BLUSA de flanela lisa, muito forte, grande variedade de cores, 2 metros por 3\$000
CORTE DE BLUSA de flanela lisa, muito forte, artigo de fantasia, 2 metros por... 3\$000

nela lisa, muito forte, artigo de fantasia, 2m,50 por 2\$500
CORTE DE BLUSA de flanela de fantasia, muito larga, 2m por 3\$000
CORTE DE CAMISA de bom patente para senhora, 2 metros por... 2\$600
CORTE DE CAMISA de patente para senhora, 2 metros por 2\$000

CORTE DE FATO de cotim sarjado, artigo muito forte, para homem, 6 metros por 7\$200
CORTE DE FATO de cotim de fantasia, imitação de casemira, 10 metros por 10\$800

CORTE DE CALÇA de cotim sarjado, muito forte 2m,50 por . . . 3\$000
CORTE DE CALÇA de cotim, imitação a casemira, para homem, 2m,50 por . . . 4\$500

CORTE DE CASEMIRA de belo riscado do Norte, para homem, padrões de novidade, 3 metros 2\$850
CORTE DE CEROULAS de riscado, bellissima qualidade, para homem, 2 metros... 1\$900

SECÇÃO DE ESTOFADOR Actualmente Deslumbrante exposição DE

Mobiliários, edredons, carpettes e tapetes
O maior e mais deslumbrante dos sortidos!

Mobiliários ricos. Mobiliários baratos, ao alcance de todos os bolsos!

Carpettes e Tapetes

em quantidades colossais e a preços inigualáveis. EDREDONS ESPLENDIDOS baratos e de dura garantia, por serem confeccionados com sedas da nossa fábrica!

Cortinas, Brise-brises, Passadeiras, Tapeçarias, Bourretes, Jutas, Veludos, Moirées, de tudo, as mais sensacionais novidades!

BOLO REI fabrico especial da nossa Pastelaria, o mais delicioso e mais bem fabricado, quilo 7\$000

AVISO IMPORTANTE Os GRANDES ARMAZENS DO CHIADO não adoptam anunciar o que não temem, não mistificam, não iludem ninguém! Os seus anúncios tem apenas por fim tornar conhecido de todo o público, sobretudo daqueles que lutam com a vida cara, aonde podem comprar mais barato!

Todos os sortidos dos GRANDES ARMAZENS DO CHIADO, quer de Lisboa, Porto e Coimbra, quer das suas 19 restantes filiais, estão sendo vendidos 30 a 40 OJO mais barato que o seu valor real actual, dado não só a grande subida de todas as matérias-primas, como ao novo agravamento de câmbios e direitos alfandegários.

Os GRANDES ARMAZENS DO CHIADO estão, pois, vendendo todos os artigos, sem excepção, muito mais barato que o preço por que os terão de adquirir logo que estes se achem esgotados e por cujo motivo muito terão todos a lucrar fazendo as suas compras o mais rápido que lhes seja possível em qualquer das 22 casas dos

Grandes Armazens do Chiado



VÃO A'
Sapataria S. Roque
VER

Grande sortido de calçado que esta casa tem para a estação do inverno Bota branca, fôrma broa e americana, desde... 13\$75
Bota calf pret com solado de borracha, a..... 37\$00
Bota calf cor, fôrma moderna e broa..... 26\$00
Bota branca para rapaz. 9\$00
Sapatinhos de verniz para criança à bebé, desde. 2\$50

Grande saldo
Botas em calf pretas, botas calf cor, sapatos de verniz para homem tudo a 20\$00

Calçado de luxo
para homens, senhoras e crianças
Ultimos modelos
Preços convidativos
Fazem-se concertos. Venda por atacado e a retalho

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste, e da Cooperativa dos Empregados do "Diário de Notícias".

Queiroz L. da
L. Trindade Coelho, 17
(Antigo L. de S. Roque)



Não me ralo!

Vou ali à Chapellaria Lusitana, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e duma solidez capaz de resistir a todos os vãos.

Chapellaria Lusitana
Rua Arco Marquês do Alegrete, 51-54
LISBOA



FABRICO MANUAL

Encontra-se nesta casa um grande sortido de calçado para homem, senhora e criança, por preços de reclame

CALÇADO PARA CRIANÇA
(para todas as idades)
Botas pretas, vitela, desde . 9\$50
Sapatos pretos . 7\$00
hom sortido em calçado de cor

CALÇADO PARA SENHORA
Sapatos de pelica, desde . 11\$00
vitela, 2.ª desde . 12\$50
1.ª . 13\$50
verniz . 18\$00
Grande variedade em calçado da Moda

CALÇADO PARA HOMEM
Botas brancas, vitela, desde . 15\$50
pretas . 21\$00
calf, 1.ª . 27\$50
Calçado de luxo

Calçado de agasalho, muito barato
Grande Armazem de Calçado
21, Largo Rodrigues de Freitas, 24-A
(Antigo Arco de Santo André)

Nicolau Gomes Correia



Acaba de receber um grande sortido de cheviotes gênero inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, para-senhoras, sacos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS —
PARA ALFALAIATES

Rua dos Fanqueiros, 255 —
Publicaremos crítica ou referência às obras de que nos enviarem dois volumes

BANCO COLONIAL PORTUGUÊS

Capital autorizado Esc. 100.000.000\$00

Capital realizado Esc. 10.000.000\$00

SEDE:

RUA AUREA, 175 a 191--LISBOA

Telegramas: PROCOLONIA Telefones: C. 5220 e 5221

Sucursais na África Ocidental e Oriental Portuguesa

Correspondentes no Porto

Pinto & Sotto Mayor

Correspondentes no Brasil

BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL

Correspondentes em todas as localidades do Continente, Ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancárias: descontos, transferências, depósitos à ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegráfica e por correspondência, cartas de crédito, ordens de bolsa no País e no Estrangeiro, compra e cobrança de coupons, empréstimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc., etc.

SAIDAL

E' o único específico ideal e infalível indispensável às senhoras para sua segurança. FRIEIRAS — só o verdadeiro Pó de Maio as cura rapidamente. TOSSES — só as Pílulas Santas são cura radical.

FARMACIA CABRAL, Suos.—R. Presidente Arriaga, 39.—PAMPULHA—Lisboa.

A. MACHADO

CANÇÕES SOCIAIS

Preço, \$05 — Pelo correio, \$80
Pedidos acompanhados da respectiva importância à administração de A Batalha.



Companhia Nacional de Navegação
Linha regular entre a Metrópole e a África Ocidental Portuguesa

Vapor MOSSAMEDES
Sai em 28 do corrente para S. Vicente, Praia, Fernando Pó, Príncipe e S. Tomé.

Vapor BEIRA
Sai em 7 de Janeiro para Madeira, S. Vicente, Praia, Príncipe, S. Tomé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Louanda, Cuio, B. Velha (Ambrizete, Quissanga, Boma, Nogu, Matadi, Landana, Mucula e Mussera com transbordo em Louanda) Novo Redondo, Lobito, Benguela, Mossamedes, B. dos Tigres e F. Alexandre.

Para carga, passageiros e mais esclarecimentos, dirigir-se aos escritórios da Companhia Nacional de Navegação

EM LISBOA: R. do Comércio, 85
NO PORTO: R. da Nova Alfândega 34

Perola da China

Rua da Palma, 123 a 139 (1.ª e 2.ª andar)

Bolachas HUNTLEY & PALMERS
AS MAIS FINAS, RECEBIDAS DIRECTAMENTE
Passas de Malaga, nova colheita.
Pudings Freemans (instantâneos).
Pickles, compotas, em latas e frascos.
Marmelada, fabrico especial.
Pão de ló celeste, de Ovar.
Gelatina, alemã (rosa e branca).
Manteiga RIVAL, a melhor.

CHÁS E CAFÉS

TRATADOS COM ESPECIAL CUIDADO

Benedictine, Kerman, Cointreau
E MAIS LICORES, ESTRANGEIROS E NACIONAIS

CHAMPAGNES, Vinhos do PORTO e MADEIRA

Vinho SÃO JOÃO
REGIONAL DE SINTRA. — O MELHOR PARA MESA. — EXCLUSIVO DE VENDA EM LISBOA

Pessoal atencioso e delicado

Francisco Manuel Pereira, Limitada
Tel. 418 C. — Telegramas: PEROLA

EXECUTAM-SE PEDIDOS PARA A PROVINCIA

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

Representantes em Portugal

DO

BANCO PORTUGUES DO BRASIL

Lisboa

Porto

R. do Ouro, 18 a 24

28, Praça da Liberdade, 29

Rua do Comércio, 136 a 140